

ARTE E LOUCURA: A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE

NATÁLIA DA FONSECA FONSECA¹; ALESSANDRA BITTENCOURT²; MIRYAN SANTANA³; CERES AREJANO⁴

¹ Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – ntaliaff41@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – alebittencourt@hotmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – miryansantana0@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – arejanoceres@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Historicamente as pessoas consideradas loucas eram todas aquelas que fugiam do padrão sociocultural, “a designação de louco não dependia de uma ciência médica. Esta designação era atribuída à percepção que instituições como a igreja, a justiça e a família tinham do indivíduo e os critérios referiam-se à transgressão da lei e da moralidade” (BOCK; FURTADO & TEIXEIRA, 1999, p. 463). Essas pessoas eram segregadas socialmente no manicômio, que era considerado um lugar para esconder a dita escória social, na qual sobrevivia-se em condições subumanas, sem um diagnóstico e tampouco um tratamento adequado que as respaldasse, onde os métodos terapêuticos eram pautados na religiosidade e na coerção. (BOCK; FURTADO & TEIXEIRA, 1999). Nada que surgisse desses lugares, dessas pessoas, poderia ter valor algum diante dessa sociedade que imperava, contribuindo assim para o estigma social sobre loucura que vigora ainda nos dias de hoje.

“O surgimento da Psicologia como ciência, e a descoberta do inconsciente possibilitou uma outra leitura sobre as obras [de arte]. Busca-se assim, um desvendamento das origens psíquicas e dos mecanismos subjetivos envolvidos na criação. Do ponto de vista emotivo, a arte era a linguagem das forças inconscientes que atuam dentro de nós” (THOMAZONI & FONSECA, 2011, p.10).

A exclusão e a violência do sujeito em sofrimento psíquico começam na manicomialização dos transtornos mentais e se perpetuam através da negação da sua diversidade cultural. É através da promoção e do reconhecimento desta que se construirá o caminho para a emancipação desses corpos e das mudanças sociais, pois “as experiências de arte-cultura no campo da Saúde Mental constituem hoje um universo de novas formas de relação com a loucura e com a diferença, que contribuem para a mudança do imaginário social sobre a loucura.” (AMARANTE & TORRE, 2017, p. 12).

O presente trabalho visa abordar o encontro entre a ideia de loucura institucionalizada e a arte. E tem como justificativa explorar as maneiras como a arte pode humanizar e de certa forma desencarcerar pessoas institucionalizadas, lhes trazendo visibilidade, liberdade de expressão, empoderamento e auxiliando-as a ocuparem os espaços sociais.

2. METODOLOGIA

Através de pesquisa na biblioteca virtual Scielo, utilizando os termos: loucura, arte, manicomialização, teatro, reforma psiquiátrica, subjetividade, corpo e desinstitucionalização, em língua portuguesa, retornaram como resultado vinte e

nove artigos, dos quais dois foram selecionados através da leitura de seus resumos. Além disso, foi realizada uma pesquisa na Revista Em Extensão da Universidade Federal de Uberlândia- UFU com uso dos mesmos termos, onde se achou um artigo. Também foi selecionado o livro *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia*, de Ana Bock, Odair Furtado e Maria Teixeira, por ser complementar para as bases teóricas da psicologia. Assim, foi possível construir uma revisão de literatura, visando a discussão do tema proposto na disciplina de Saúde Mental Coletiva do quarto período do curso de Psicologia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação entre arte e Psicologia iniciou no século XIX, ao introduzirem nas instituições atividades artísticas. Nestes lugares, os psiquiatras, com o intuito de auxiliar no diagnóstico, utilizavam os desenhos dos pacientes e percebeu-se que muitas pessoas que produziam a arte conseguiam se organizar e se expressar melhor. “Nesse primeiro momento, a produção artística do alienado é vista apenas como um possível revelador de sua condição psicopatológica, um caminho que leva apenas ao sintoma vivenciado pela pessoa” (THOMAZONI & FONSECA, 2011, p. 16). Dessa forma, a arte se torna um processo terapêutico, além de uma atividade lúdica. Do encontro entre a psicologia, a arte e a loucura, surgiram diferentes abordagens, inclusive uma aproximação com a arte vanguardista. Artistas renomados, como Vincent Van Gogh, por exemplo, foram diagnosticados com distúrbios mentais. Um estudo que analisou trabalhos de diferentes grupos (psicóticos, crianças e primitivos) encontrou padrões entre as obras produzidas por essas pessoas e obras de arte moderna (THOMAZONI & FONSECA, 2011). Nesse ponto, começa-se a construir o entendimento das obras enquanto exteriorização do mundo subjetivo e das emoções do paciente.

As pessoas institucionalizadas podem e devem produzir arte, não só como processo terapêutico, mas pelo impulso criador intrínseco de todo ser humano, que está além da loucura, uma vez que “Não é a doença em si (esquizofrenia, por exemplo) que faria alguém um artista, porém as criações não são barradas de se efetuarem mesmo que a pessoa seja portadora de algum transtorno psíquico.” (THOMAZONI & FONSECA, 2011, p.16). Para que a cultura cumpra seu papel emancipador, é necessário que se supere o discurso biomédico e tecnicista sobre arte e cultura. A partir disso, é possível romper com a ideia de arte institucionalizada, passando a ser um instrumento para a construção de identidades e direitos, sendo uma forma de resistência e não apenas um recurso terapêutico para a cura. (AMARANTE & TORRE, 2017).

Os projetos e as intervenções artístico-culturais constroem um novo campo de práticas e experiências no processo da Reforma Psiquiátrica no Brasil (AMARANTE & TORRE, 2017). Dessa forma, ocorre a “invenção de novas possibilidades de vida e participação para os atores sociais envolvidos” (AMARANTE & TORRE, 2017, p. 12), constituindo um novo local social para a loucura. (AMARANTE & TORRE, 2017). Nesse aspecto, a expressão artística surge como viés de afirmação de direitos e lugar no mundo, auxiliando o rompimento com a visão psiquiátrica tradicional, “ou seja, que rompe com a compreensão de que a “doença mental” torna os sujeitos incapazes de trocas sociais, de convivência em liberdade e/ou de produzir algo válido do ponto de vista social ou econômico.” (AMARANTE & TORRE, 2017, p. 12).

O teatro, por exemplo, pode funcionar como meio de emancipação das pessoas institucionalizadas. A vida no palco além de proporcionar expressão e

liberdade possibilita a interação social e leva a dita loucura para além dos muros das instituições. A teatralização de situações reais pode conectar os atores com o público inspirando reflexões a respeito de saúde mental, da vida dessas pessoas e até mesmo identificação com elas. E se o público é capaz de colocar-se no lugar do outro que está sendo assistido, pode originar-se aí um lugar de mudança social. O teatro viabiliza a comunicação entre seus atores e o público, dos atores entre si e atores consigo mesmo sendo meio de redescoberta da corporeidade e norteamiento dentro de um espaço físico (MACHADO, 2010).

Portanto, é necessário que ocorram rupturas sociais, visando entender a arte para além da terapia, mas como reprodutora de realidades e sentidos, conforme (AMARANTE & TORRE, 2017, p.12):

“Uma primeira ruptura diz respeito ao deslocamento da concepção de doença ou transtorno mental de experiência de erro ou incapacidade para experiência de diversidade psíquica, ou de “extranormalidade”. Caso contrário, corre-se o risco de restringirem-se as mudanças ao sair do manicômio, reproduzindo a cultura manicomial fora do hospital, e, em vez de ser criado um contexto de acolhimento do diferente, corre-se o risco de surgirem instituições de tolerância, no sentido discriminatório do termo”.

4. CONCLUSÕES

A arte é o viés que permite a expressão dos sentimentos, dos conteúdos da mente e a retratação da história. Negar que as pessoas em sofrimento psíquico usufruam dessa possibilidade, é negar que àquelas pessoas também correspondem sentimentos e histórias. É marginaliza-las mais uma vez. A arte possui grande potencial revolucionário. Nesse sentido, é através dela que os sujeitos podem se empoderar e conquistar seus lugares nos espaços urbanos e sociais, questionando a ideia vigente de arte, de loucura e do direito à cidadania.

Assim, destaca-se a importância de discutir o assunto através de pesquisas futuras referentes a visibilidade das pessoas em situação institucional, salientando seu valor, sua capacidade, suas habilidades, humanizando-as de modo geral, garantindo que há um espaço para elas do lado de fora, seja dos muros concretos das instituições ou dos muros abstratos do imaginário coletivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo de psicologia. 13.ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

AMARANTE, P; TORRE, E H G. Loucura e diversidade cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte e cultura da Reforma Psiquiátrica e do campo da Saúde Mental no Brasil. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 21, n. 63, p. 763-774, 2017.

MACHADO, I M C. O teatro como mecanismo de inclusão social: uma experiência do sensível. Revista Em Extensão, v. 9, n. 2, 2010.

THOMAZONI, Andresa Ribeiro; FONSECA, Tania Mara Galli. Encontros possíveis entre arte, loucura e criação. Mental, Barbacena, v. 9, n. 17, p. 605-620, dez. 2011.